



Al Zahir:

o virtual e as portas para a
compreensão

Alice Dalgarrondo¹

¹ Artista e Pesquisadora - UdK/ Berlin.

RESUMO: O Zahir no conto de Jorge Luis Borges é um objeto pelo qual os homens se tornam obcecados e incapazes de ver além. O mistério: por que o Zahir tem esse poder de atração? Borges se pergunta a razão pela qual Tennyson disse que se formos capazes de entender uma única flor, poderíamos entender o que é o mundo. “Talvez quisesse dizer que não existe fato, por humilde que seja, que não implique a história universal e sua infinita concatenação de efeitos e causas.” E então o Zahir também teria esse potencial de revelar a natureza do ser e da existência. Eu procuro conciliar a ontologia do objeto e conceito de virtualidade de Deleuze com aspectos da filosofia Sufi para investigar como um único objeto se manifesta, quais são suas potências de existência para além do real e as relações que esse objeto mantém com outros sistemas para, através dele, compreender o todo. O Zahir aqui, objeto de obsessão e porta para a compreensão de como as coisas se manifestam física e temporalmente no universo, é uma flor de hibisco. Ela foi fotografada e escaneada em 3D para criar um objeto de contemplação em uma sala de meditação virtual. Este texto é um guia para o processo de pesquisa artística e também usado como narração durante as apresentações ao vivo do projeto.

PALAVRAS-CHAVE: Virtual; Ontologia; Natureza; Borges; Sufismo.

ABSTRACT: The Zahir in Jorge Luis Borges' story is an object by which men become obsessed and are no more able to see anything beyond it. The mystery: why does the Zahir has this attractor power? Borges questions himself the reason why Tennyson said that if we could understand one single flower, we could understand what the world is. “Perhaps he was trying to say that there is nothing, however humble, that does not imply the history of the world and its infinite concatenation of causes and effects.” And then the Zahir would also have this potency of revealing the nature of being and existence. I conciliate Deleuze's object's ontology and concept of virtuality with aspects of the Sufi philosophy in order to investigate how does a single object manifests itself, what are its potencies of existence beyond the real and the relations this object maintains with other systems to comprehend the whole through it.

The Zahir here, object of obsession and gate to comprehend how things manifest themselves physically and temporally in universe, is a hibiscus flower. It was photographed and 3D-scanned to create a virtual object of contemplation in a meditation room. This text is a guide to the artistic research process of this project and also used as narration during live presentations of the project.

KEYWORDS: Virtual; Ontology; Nature; Borges; Sufism.

AL ZAHIR

No Corão, Al Zahir é um dos 99 nomes de Deus: Ele é o iminente e manifesto, é como Deus aparece aos nossos olhos. Quando, por exemplo, observamos uma flor, Al Zahir é sua cor e forma.

No conto de Jorge Luis Borges, o Zahir é um objeto pelo qual as pessoas se tornam obcecadas. Um único objeto tem o potencial de transformar-se no Zahir em um certo momento da história, e ele muda de tempos em tempos; Borges narra que, segundo a crença islâmica, Zahir são “seres ou coisas que têm a terrível virtude de ser inolvidáveis e cuja imagem acaba por enlouquecer as pessoas”. Para Borges, o Zahir é uma moeda de vinte centavos de pesos argentinos. Ele foi uma vez na Pérsia um astrolábio, “construído de tal modo que quem o olhasse uma vez não pensava em outra coisa e assim o rei ordenou que o atirassem no mais profundo do mar, para que os homens não se esquecessem do universo.”

Borges tenta fugir da obsessão e pensar nessa moeda como um símbolo de todas as outras moedas com o intuito de não mais encontrar nela o Zahir—manifesto, único. “(...) qualquer moeda (...) é um repertório de futuros possíveis (...) no tempo bergsoniano”. Deleuze (2000, p. 86) elucida a ideia bergsoniana de tempo segundo a qual “cada atual presente não é senão o passado inteiro em seu estado mais contraído (...), o passado é a síntese do tempo inteiro, de que o presente e o futuro são apenas dimensões”. Borges repete para si como um mantra que o dinheiro é abstrato, como se aquela moeda não pudesse ser o Zahir, evidente, visível. Mas acontece que o Zahir é, de fato, mais do que ele mesmo: na manifestação de um único objeto ele evoca tudo o que existe—com um astrolábio é possível orientar-se através da posição dos astros e, assim, estabelecer uma conexão com o universo.

OXÍMORO

“Oxímoro é uma figura de linguagem que consiste em relacionar numa mesma expressão ou locução palavras que exprimem conceitos contrários”². Borges exemplifica citando os gnósticos que falavam de uma luz obscura e os alquimistas, de um sol negro. Mas escondido em suas entrelinhas, ele se referia ao Zahir e seu oposto/complementar Al Batin, o oculto. No livro dos nomes de Deus, Al Zahir e Al Batin aparecem juntos. Deus é oculto apesar de Sua obviedade ou Sua obviedade é a razão pela qual Ele é oculto.

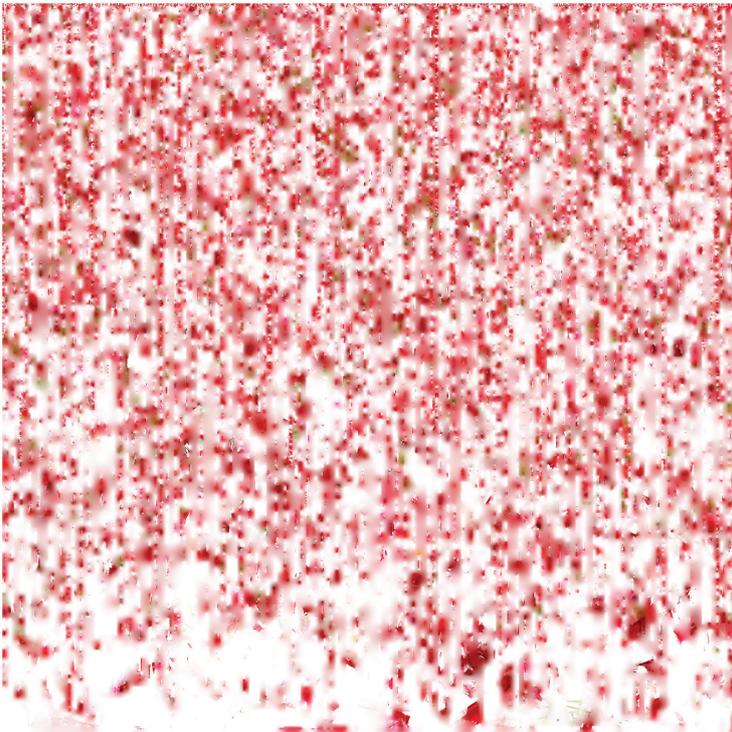
“Disse Tennyson que, se pudéssemos compreender uma única flor, saberíamos quem somos e o que é o mundo. Talvez quisesse dizer que não existe fato, por humilde que seja, que não implique a história universal e sua infinita concatenação de efeitos e causas. Talvez quisesse dizer que o mundo visível se dá inteiro em cada representação, da mesma maneira que a vontade, segundo Schopenhauer, se dá inteira em cada indivíduo. Os cabalistas entenderam que o homem é um microcosmo, um simbólico espelho do universo; tudo, segundo Tennyson, o seria. Tudo, até o intolerável Zahir.” (BORGES, 1949)

2 URL: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ox%C3%ADmoro>

FIGURA 1. O Zahir



FIGURA 2. Textura



BUSCA

Uma ideia deve perseguir-nos, até que, dominando-a, sejamos capazes de fazer algo com ela. A ideia do Zahir começou a perseguir-me e como é característico do Zahir, ele me encontrou primeiro e eu soube que se manifesta em nossos tempos como uma flor de hibisco. Alguém me contou que estar obcecado é fazer conexões, então eu comecei a conectar a manifestação física dessa flor com outros eventos/coisas/objetos com o intuito de compreender o todo.

Manuel De Landa (2005, p.38) afirma que o projeto de Deleuze foge ao pensamento tipológico, característico das práticas classificatórias dos séculos XVII e XVIII, nas quais se insere a taxonomia botânica de Linnaeus, uma vez que estas procuram definir os grupos a partir das semelhanças entre seus indivíduos. Deleuze preza por uma filosofia da diferença em sua ontologia do objeto e eu me apoio nessa filosofia para entender como essa flor de hibisco é única em si, pela trajetória que ela segue, ao mesmo tempo que tem o potencial de evocar tudo o que existe.

DESTINO

Perseguir uma ideia é dar outros destinos às coisas, nunca antes imaginados, mas que estavam desenhados em sua história como potência. E se não fosse pela minha perseguição, a flor de hibisco não se virtualizaria (a imagem fotográfica digitalizada em terceira dimensão), ela cumpriria, talvez, o seu destino de flor. Então eu passei a olhar para esta flor não somente como ela apareceu para mim em um primeiro momento, mas procurando as suas histórias ocultas em seu passado e futuro; quais seriam suas possibilidades e virtualidades.

Em *Botões*, Flusser (1979) descreve o evento de uma árvore florescendo como a irrupção do virtual (flor) contido nos botões, e esse seria seu destino, assim como o destino da flor seria seguir o que nós esperamos que aconteça, de acordo com as ditas leis naturais. Mas, de acordo com Flusser, é necessário um “salto ontológico do meramente possível” para que o real aconteça. E não existe uma só possibilidade, existe um oceano delas.

VIRTUAL

O virtual nada neste oceano, Flusser diz que ele são ondas que, com virtude—no sentido de uma força *masculina*, porque virtual deriva de ‘vis’/‘vir’, que significa *homem*—tomam forma e tentam tornar-se reais, mas ficam na tentativa, no estado de querer. O virtual é o que emerge do possível e chega perto do real (FLUSSER, 1993, p.65-66). Ele não é oposto ao real, como aponta Deleuze, e sim é o possível que o é. “O virtual não se opõe ao real, mas somente ao atual. O virtual possui uma plena realidade enquanto virtual” (DELEUZE, 2000 p. 196-197). O virtual coexiste com o real em um paralelismo imaginário. As ideias de mundo por trás de uma obra de arte são virtuais, por exemplo, assim como é a ideia do Zahir e como é a ideia de Deus: elas são reais, mas não materiais.

FIGURA 3. O hibisco

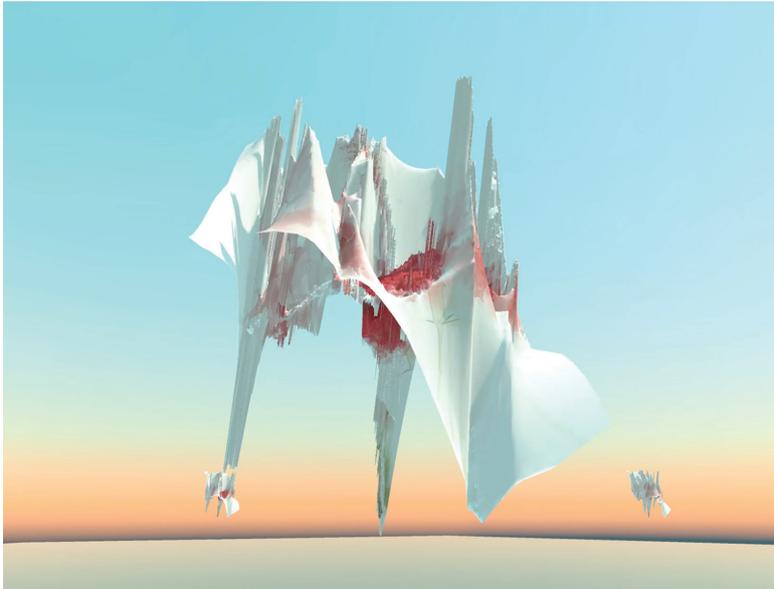


FIGURA 4. Oxímoro

VIRTUAL INSANITY

A transfiguração de objetos *materiais* em objetos *virtuais* (no caso da minha investigação, a flor tridimensionalmente escaneada), é a realização de uma das infinitas possibilidades contidas na trajetória do objeto. Em um momento de *virtualização* do mundo material esse é um destino que pode desabrochar para muitos objetos. A desmaterialização numérica é o destino que eu dei à flor. Ela é agora virtual, coexiste com o nosso real, ela tenta transformar-se em real. Mas foi também possível e se realizou.

É o mundo virtual possível? Se ele é possível, pode tornar-se real. O *possível virtual*: um oxímoro?

CÁLCULOS

Para onde vai a *singularidade*³ da flor quando representada tridimensionalmente? O cálculo é a singularidade. A fotografia bidimensional já é um cálculo, porque é digital. No digital, os cálculos conectam o *mundo real* e o mundo *virtual* representado.

“O mundo ‘se faz’ enquanto Deus calcula; não haveria mundo se o cálculo fosse correto. O mundo é sempre assimilável a um ‘resto’, e o real no mundo só pode ser pensado em termos de números fracionários ou mesmo incomensurável” (DELEUZE, 2009, p. 209). Isto é dizer que o mundo real é cheio de inexactidão; ele se faz pela diferença porque nada se repete perfeitamente, como clones. No entanto, os cálculos do homem (e da máquina) hão de ser precisos para que se aproximem da imprecisão da natureza, se ele quiser criar seus hiper-realistas mundos virtuais.

PERFECTION

Perfeita (ver bissexual).

“Bissexual: cada flor de cada indivíduo possui estruturas femininas e masculinas, isto é, combinam os dois sexos em uma estrutura. Flores desse tipo são chamadas perfeitas (...). Outros termos usados para essa condição são andrógenas, hermafroditas (...)”⁴

A flor de hibisco é uma flor perfeita, ela e sua transfiguração virtual imperfeita é algo como o ciborgue de Donna Haraway (2000). A virtude da onda já não é masculina, como define Flusser ao analisar a origem da palavra *virtual*. Essa onda que se aproxima do real,

3 De Landa define singularidades como aquilo que influencia o comportamento atuando como *atratores* para as trajetórias dos objetos; o estado final será o esperado, como a flor que desabrocha do botão. “(...) *different trajectories may be attracted to the same final state, singularities are said to represent the inherent or intrinsic ‘long-term tendencies’ of a system, the states which the system will spontaneously tend to adopt in the long run as long as it is not constrained by other forces.*” (DE LANDA, 2005, p. 14).

4 URL: https://en.wikipedia.org/wiki/Plant_reproductive_morphology

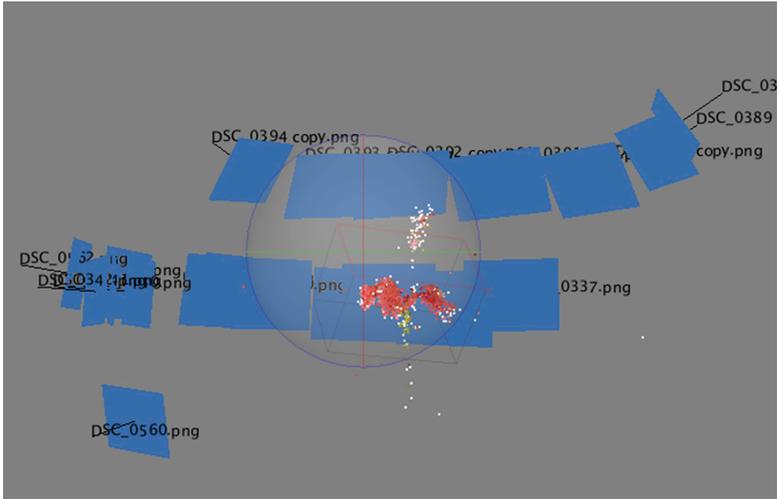


FIGURA 5. Scann

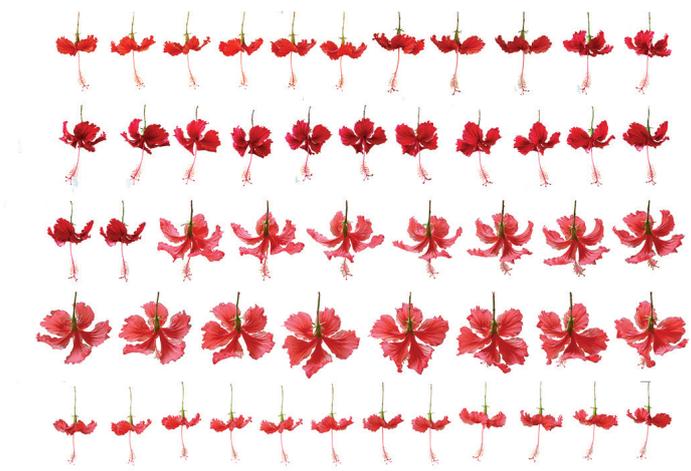


FIGURA 6. Rotação

que quer ser real e consegue representa a diluição da dicotomia existente entre feminino e masculino, real e virtual, natureza e máquina, manifesto e oculto e cria oxímoros.

Na arte, não é necessário atingir os cálculos corretos; criar um mundo análogo ao nosso seria perda de tempo. O resultado não precisa sequer assemelhar-se à realidade ou à perfeição. Em *Lógica do Sentido*, Deleuze (2009, p.63) descreve o jogo ideal como algo que só pode existir no pensamento e na arte. Ele diz que só o pensamento é capaz de afirmar toda a possibilidade do universo. E o resultado é a obra de arte, porque a arte é capaz de apresentar essas outras possibilidades de mundo e suas virtualidades concebidas pelo pensamento.

Dizem que perfeito, só Deus.“ Para perder-se em Deus, os sufis repetem seu próprio nome ou os noventa e nove nomes divinos até que eles já nada querem dizer.” Al Zahir Al Zahir Al Zahir Al Zahir Al Zahir Al Zahir “Outros sonharão que estou louco, e eu com o Zahir. Quando todos os homens da terra pensarem, dia e noite, no Zahir, qual será um sonho e qual uma realidade, a terra ou o Zahir?”

REFERÊNCIAS

- BORGES, J. L.. O Zahir, in: *O Aleph*, São Paulo 1998 [1949].
- DE LANDA, M. *Intense Science and virtual philosophy*, London/New York 2005, p. 38.
- DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*, Lisboa 2000, p. 86.
- DELEUZE, G. *A lógica do sentido*. São Paulo : 2009.
- FLUSSER, V. Botões. Manuscrito do Arquivo Flusser em Berlim (20111-NMP-15_986_BOTOES), publicado em FLUSSER, V. *Natural:mente: vários acessos ao significado de natureza*. São Paulo, 1979.
- FLUSSER, V. Vom Virtuellen, in: Rötzer, Florian / Weibel, Peter (org.): *Cyberspace. Zum medialen Gesamtkunstwerk*, München 1993.
- HARAWAY, D. Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX, in: Haraway, HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (org): *Antropologia do Ciborgue. As vertigens do pós-humano*. Editora Autêntica: Belo Horizonte, 2000.